
MEMÓRIA VISUAL E MEMÓRIA ORAL: CIDADE E PATRIMÔNIO COMO OBJETO DE DISCUSSÃO

Danilla Mikelly Marcelino de Miranda

(Graduanda em História –Uepb)

mikelly.dani@hotmail.com

Maria Lindací Gomes de Souza

(Professora Dr. Departamento de História –UEPB)

mlgsouza27@hotmail.com

APRESENTAÇÃO

A expansão no conceito de fontes históricas ao longo dos tempos possibilitou aos historiadores fazer falar as vozes até então mudas, assim como fazer surgir no cenário social novos personagens e novas possibilidades de pesquisa.

Dentro dessa expansão, as representações iconográficas surgem como uma possibilidade de materialização e maior percepção histórica, por meio da imagem que além de contribuir para a construção da história da cidade, levam a uma mais fácil rememoração do vivido devido a sua intrínseca interação entre memória individual e coletiva.

Sabendo de tal realidade, assim como da importância do patrimônio histórico e cultural e da memória para o reconhecimento do ser humano enquanto pertencente a um grupo ou sociedade, o presente trabalho visa discorrer acerca das atividades referentes ao projeto de extensão intitulado “A cidade visível e invisível: Patrimônio histórico, identidade cultural, memória e cidadania”, que, tem como público alvo os alunos da Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia e os idosos da Sab do bairro das Malvinas, ambas localizadas na cidade de Campina Grande, Paraíba, no que tange a utilização da fotografia como fonte histórica e retrato do passado da cidade que por meio da rememoração esperamos demonstrá-lo como importante a ser preservado.

Dessa maneira, inicialmente discorreremos acerca da abertura ocorrida no conceito de fontes históricas a partir da segunda metade do século XX, assim como analisar a história da fotografia e os cuidados que indispensavelmente se deve ter ao utilizá-la como fonte historiográfica. Por fim demonstramos as atividades desenvolvidas no âmbito do projeto que visam a utilização de tal fonte, assim como os objetivos com este pretendido.

Esperamos ao longo do mesmo atingir nossos objetivos.

Capítulo I : NOVAS POSSIBILIDADES: A EVOLUÇÃO NO CONCEITO DE FONTES HISTÓRICAS

O estudo do passado não pode ser feito de forma direta, mas o mesmo possibilitasse sendo mediado por meio dos vestígios da atividade humana, a que cientificamente chamam-se fontes históricas. Também denominado como documentos, testemunhos, vestígios ou monumentos, as fontes não abstratas ou documentos alegóricos constituem-se os sinais matérias da existência humana, incluindo em sua formação as fontes arqueológicas, os monumentos, instrumentos, fotografias, entre muitas outras.

Ao longo dos anos a utilização das fontes históricas vem se transformando, à medida que o próprio estudo da história modifica-se centrando-se em novos personagens e novos fatores sociais. Janotti diz que: “O uso das fontes também tem uma história porque o interesse dos historiadores variou no tempo e no espaço, em relação direta com as circunstâncias de suas trajetórias pessoais e com suas identidades culturais.” (JANOTTI In PINSK, 2005, p.10)

No século XIX a insistência do homem na busca pela verdade absoluta fundamentou a corrente histórica positivista que acreditava num ideal de neutralidade, onde a subjetividade do pesquisador jamais poderia ser demonstrada. Segundo tal corrente, era obrigação do mesmo retratar de forma neutra e clara uma dada realidade a partir de seus fatos presentes nas fontes, mas sem analisá-los. Os fatos falavam por si mesmos.

A objetividade ansiada pelos positivistas exigia á busca incessante de fatos históricos, que de maneira indispensável deveriam ser comprovados empiricamente. Daí explica-se a necessidade, pregada pelos mesmos de se utilizar na pesquisa e análise o máximo possível de documentos, objetivando que através dos mesmos pudessem obter a totalidade sobre os fatos e não deixar nenhuma margem de dúvida no que se refere a sua compreensão. A busca desses fatos deve ser feita por mentes neutras, pois qualquer subjetividade na pesquisa altera o seu sentido e a confiança própria dos fatos, modificando,

pois, a própria História. Durante o domínio positivista os historiadores utilizavam apenas fontes escritas e oficiais, já que a eles interessava a difusão da história política neutra e na atuação de grandes personagens.

A contraposição à corrente histórica metódica iniciou-se ainda no século XIX, com o lançamento da “*Revista de Síntese*”, pelo filósofo Henri Berr, que entre outros, defendia a interdisciplinaridade da história. Para Berr a história era uma coisa muito diferente de um exercício de erudição, a base de uma ciência dos progressos da humanidade. Posteriormente o surgimento da *Revista dos Anales* veio transformar a história em um novo conhecimento, interdisciplinar, baseado no estudo do cotidiano e das mentalidades humanas. Diferente da positivista, “a corrente inovadora (Anales) despreza o acontecimento e insiste na “longa duração”; deriva a sua atenção da vida política para a atividade econômica, a organização social e a psicologia coletiva.” (MARTIM, 2000, p.119). Dessa forma, esforçavam-se em aproximar a história das outras ciências humanas.

Dessas mudanças surge a Nova História que, de acordo com Peter Burke, pode ser definida por uma via negativa. “Os historiadores tradicionais pensam na história como essencialmente uma narrativa dos acontecimentos, enquanto a nova história está mais preocupada com a análise das estruturas.” (BURKE, 1992, p.12). Ou seja, a nova história não estuda épocas, mas estruturas particulares.

A partir de tais mudanças ocorridas no século XIX com relação ao ensino e universo de estudo da História, as fontes históricas têm passado, assim como esta, por enormes transformações. A partir daí a idéia até então defendida de que seriam fontes históricas apenas documentos oficiais cai em desuso e, à medida que novos personagens vão surgindo, o universo das fontes vai se expandindo passando a ser assim considerada tudo aquilo que pudesse comprovar ou representar não só a existência como também o cotidiano do homem, seja ele subalterno ou elitista.

Através de tais mudanças a documentação que antes era concernente ao evento e ao seu produtor, agora se torna relativa ao campo econômico-social, tornando-se massiva, seqüencial, revelando também o de longa duração, a permanência, as estruturas sociais. “Os documentos se referem à vida cotidiana das massas anônimas, à sua vida comercial, ao seu

consumo, às suas crenças, às suas diversas formas de vida social” (REIS, 1994, p.126). Portanto, a nova história privilegia a documentação massiva e involuntária em relação aos documentos voluntários e oficiais. Dessa maneira, os documentos agora são não mais apenas oficiais, mas sim arqueológicos, pictográficos, iconográficos, fotográficos, cinematográficos, numéricos, orais, enfim, de todo tipo. Todos os meios são tentados para vencer as lacunas e silêncios das fontes mesmo, e não sem risco, os considerados antiobjetos.

Capítulo II: FOTOGRAFIA: A ARTE DE ETERNIZAÇÃO HISTÓRICA

A abertura no conceito de fontes históricas possibilitada pela chamada Nova História, permitiu que a fotografia, entre tantas outras, passasse a ser considerado um elemento passível de análise histórica, visto a enorme gama de possibilidades analíticas que a mesma oferece. Mattos, discorrendo acerca de tal fato afirma que,

Entre as fontes historiográficas modernamente assim consideradas, entendo que os registros fotográficos revelam-se de pertinaz importância por permitirem a observação cuidadosa das rupturas, continuidades e sobreposições arrastadas no âmbito das alterações urbanas, sociais e culturais; sendo possível compreender estes processos pelo papel de perpetuação dos fatos e tempos históricos, que primordialmente o material fotográfico disponível, concede-nos. (MATTOS, 2010. p.3)

Forma de eternização da história, a fotografia surge, pelo menos oficialmente no ano de 1826, tendo sido obtida pelo francês Joseph Nicéphore Niepce esta, tendo sido tirada a partir da janela de sua casa, mostrava os telhados da vizinhança e, segundo estudos, teve que passar oito anos à luz do sol para poder surtir efeito.

Até sua morte, Niepce empenhou-se em buscar condições financeiras para aperfeiçoar a técnica de fotografar. Associado a Louis-Jacques M. Niepce em tal empreitada, Niepce falece no ano de 1833, sem no entanto conseguir surtir resultados em sua busca. M. Niepce deu continuidade às experiências e, em 1839, apresentou ao mundo o *Daguerreótipo*, um arquétipo rudimentar de o que viria a ser a câmera fotográfica.

A evolução sofrida ao longo do tempo no processo fotográfico, veio possibilitar um maior acessibilidade a representações iconográficas. A partir do século XX, as imagens, mais do que meras formas de recordações, passaram a ser usadas como documentos históricos, fontes de pesquisa para se entender determinada época ou sociedade. Segundo Burke (2004), as fotografias oferecem acesso a aspectos do passado que outras fontes não alcançam especialmente nos casos em que os textos disponíveis são poucos e ralos. Dessa forma, a fotografia faz falar as vozes não ouvidas da história. São, registros com os quais os historiadores podem estabelecer diálogos, indagá-los e estudá-los. Borges (2005, p.80) reforça tal verdade dizendo que: “Seus discursos sinalizam lógicas diferenciadas de organização do pensamento, de ordenação dos espaços sociais e de medição de tempos culturais.”

Enquanto testemunhos históricos, as imagens podem revelar as características de um grupo social, assim como a maneira como a memória coletiva vai sendo construída através dos laços criados e unindo membros de uma mesma coletividade. Através da análise da mesma, é possível perceber de que maneira o passado vem sendo apropriado por homens e mulheres de épocas distintas.

Pensando a fotografia como fonte histórica, a questão do realismo ou não das imagens constituiu-se como grande polêmica entre os estudiosos da área. Peter Burke (2004) chama a atenção para a armadilha do aparente realismo e das ilusões que a fotografia oferece. É preciso questionar a imagem, saber em que circunstâncias ela foi produzida e quais os propósitos do seu realizador, assim como qualquer outra fonte.

O trabalho com a fonte história exige, portanto, um cuidado especial por meio do pesquisador, que deve ao analisar fotografias questionar a fonte à qual esta se remetendo. Como toda e qualquer fonte histórica, a fotografia deve ser vista não como a detentora da verdade, deve-se, portanto pensar Quando? Onde? Quem? Para quem? Para quê? Como? esta foi produzida, visto que a partir do século XX, quando ficou fortalecida a tese de que, por detrás da câmera, há um ou mais indivíduos interessados em divulgar suas intenções sociais e suas visões da realidade.

Nesse sentido, Paiva (2004), afirma que a iconografia traz embutida as escolhas do produtor e todo o contexto no qual foi concebida, mas que constitui um acervo de possibilidades e por isso tem que ser explorada com muito cuidado.

A imagem não se esgota em si mesma. Isto é, há sempre muito mais a ser apreendido além daquilo que é, nela, dado a ler ou a ver. Para o pesquisador da imagem é necessário ir além da dimensão mais visível ou explícita dela. Há, como já disse antes, lacunas, silêncios e códigos que precisam ser decifrados, identificados e compreendidos. (PAIVA, 2004, p.19).

Assim sendo a responsabilidade em perceber as intenções e verdades presentes nas fotografias cabem ao pesquisador, que criticamente deve observá-las, imaginando-as não como a verdade pura simples, mas sim representação parcial e intencional do passado.

2.1 Fotografia e memória: A contribuição da fotografia para o exercício da memória.

Ao longo dos tempos, a construção de espaços e monumentos que viessem a representar determinada época e sociedade, tem se constituído muito mais do que simples costume, podendo hoje ser considerado, devido processo de profunda amnésia patrimonial, indispensável. Nessa perspectiva, monumento e documento são as principais formas que podem ser representados os materiais de memória, sendo estes percebidos de maneira simultânea, herança do passado e escolha do historiador. Com o decorrer dos anos, porém pode-se observar uma intensa mudança em seus conceitos.

Já no século XX, por volta dos anos 1945-1946 Febvre, na soborne, defendia uma idéia aparentemente positivista quando em sua obra “O nascimento da história moderna” (1971) afirmava que “ Não há notícia sem documentos”, acrescentando que “Pois se dados fatos históricos não foram registrados documentos ou gravados escritos , aqueles fatos perderam-se.” A diferença porém entre os discursos destes e dos positivistas, era o fato de que na época referente a Febvre o conteúdo documental havia se ampliado, sendo assim considerados não apenas textos mas também as fábulas, os mitos, os sonhos, enfim qualquer marca que pudesse simbolizar a vida e a inteligência humana. Assim considerava-

se que a história faz-se com documentos, sem sombra de dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos quando estes não existem. Seria dessa forma que o historiador faria falar as coisas mudas.

A partir dessa realidade e considerando que o exercício da memória se faz mais acessível por meio da visualização, seja esta individual ou grupal, no nosso projeto de extensão intitulado, “A cidade visível e invisível: Patrimônio histórico, identidade cultural, memória e cidadania”, pretendemos através de oficinas e aulas utilizar a fotografia como fonte de rememoração da história da cidade de campina Grande.

Sabendo que, ao longo dos tempos o processo de modernização, tem modificado o cenário urbano de nossa “Rainha da Borborema”, e que com isso a cada dia menos, as gerações passadas se reconhecem como parte integrante da história campinense, em nosso projeto de extensão tentamos revigorar a memória acerca de tais mudanças, a fim de promover uma maior sensibilização acerca da necessidade de preservação do patrimônio histórico da cidade. Mattos, afirma que

Quanto à memória urbana, esta tem se dissipado enquanto perduram as identificações do moderno e do progresso, em obras que privilegiam a construção de uma outra paisagem física em substituição àquelas que representam as exterioridades marcadamente coloniais, relacionadas à imagem do atraso e da ausência de normalizações civilizadoras de uma sociedade então considerada inadequada para os padrões modernos. (MATTOS, 2010, p.3)

A fim de posicionar-se contrária a essa realidade, o acima citado projeto, que tem como público alvo, os alunos do segundo ano da Escola Normal Estadual Padre Emídio Vianna Correia, e os idosos da Sab das Malvinas, pretendem através da observação de cartões postais e fotografias de antigos prédios, praças e lugares, que sofreram modificação, promover a interação entre jovens e idosos, a fim de fazer falar as vozes mudas da sociedade, assim como possibilitar uma melhor rememoração por meio dos idosos de momentos e lugares importantes para o reconhecimento dos mesmos como agentes ativos no processo histórico. Sabendo que, as imagens possuem ligação intrínseca com o processo de rememoração. Segundo Kessel,

“Outro aspecto importante acerca da memória é a sua relação com os lugares. As memórias individuais e coletivas têm nos lugares uma referência importante para

a sua construção, ainda que não ajam condição para a sua preservação, do contrário povos nômades não teriam memória. As memórias dos grupos se referenciam, também, nos espaços em que habitam e nas relações que constroem com estes espaços. Os lugares são importante referência na memória dos indivíduos, donde se segue que as mudanças empreendidas nesses lugares acarretam mudanças importantes na vida e na memória dos grupos.” (KESSEL, Sl, Sd).

Assim, percebemos a importância de nossas atividades como possibilitadoras de uma maior reflexão sobre a história de Campina Grande, assim como a valorização das diferentes fontes históricas, sabendo que outra característica da memória, que a aproxima muito da história, é sua capacidade de associar vivências dos outros, das quais nos apropriamos, tornando-as nossas também, por meio de conversas, leituras, filmes, histórias, músicas, pinturas e acima de tudo da fotografia que consideramos que estas principalmente as que gravam transformações na paisagem urbana, apresentam-se como fonte historiográfica capaz de colaborar com as diversas ciências sociais no resgate, compreensão e perpetuação dos fatos históricos, assim como sensibilizar a preservação do patrimônio histórico e cultural.

Considerações Finais

A ampliação do conceito de fontes históricas permitiu a entrada da fotografia no cenário das fontes históricas. Tentativa de eternização de momentos, lugares e pessoas, as fotografias no entanto transmitem muito mais do que simples momentos, podendo demonstrar um passado a ser preservado presente em suas mais diferentes representações.

Lugares, costumes, pontos destruídos ou esquecidos, pessoas, enfim tudo pode e podem ser fotografados e, assim lembrado.

Dentro dessa perspectiva a utilização da fotografia como fonte aparece-nos como recurso além de instigador, possibilitador de diferentes sensações e análises. Dessa maneira, e por tais fatos, nas atividades desenvolvidas em nosso projeto de extensão tentamos através da análise de fotos e cartões postais da antiga Campina Grande, promover a rememoração da história da cidade, além de promover uma relação inter-geracional de memória individual e coletiva, a fim de contribuir para o conhecimento da história da

cidade, assim como para o reconhecimento do ser humano como agente ativo da história da sociedade.

Para tanto, analisamos a fotografia, como toda e qualquer fonte histórica, possível de intencionalidades e montagens e por isso passível á crítica.

Referências Bibliográficas

- BORGES, Maria Elisa Linhares. **História & fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- BURDE, Guy e MARTIN, Herve. **As escolas Históricas**. Lisboa: Europa – América, 2000.
- BURKE, Peter(org). **A escrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: Edusc, 2004.
- KESSEL, Zilda.. **Memória e memória coletiva**. SL, SD. Disponível em.
<http://www.museudapessoa.net/> , acesso em 11 -05- 2010.
- MATTOS, André Luiz Reis. História e Fotografia: A fotografia como fonte historiográfica no registro das transformações das paisagens urbanas – Morro Dois Irmãos no Rio de Janeiro/RJ. ANAIS DO XIV ENCONTRO DA ANPUH-RJ: **Memória e Patrimônio**, Rio de Janeiro, 2010.
- PAIVA, Eduardo França. **História & imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PINSK, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. Olinda: Contexto, 2005.
- REIS, José Carlos. **Tempo, história e evasão**. Campinas: Papyrus, 1994.